

## A TEORIA ATOR-REDE COMO FERRAMENTA PARA RELEITURA DO SOCIAL A PARTIR DO FILME HER

**DOI**  
10.11606/issn.2525-3123.  
gis.2021.181744

**ORCID**  
<https://orcid.org/0000-0001-9787-4203>

**ANA CAROLINA BRINDAROLLI**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS,  
Brasil, 79070-900 – ppgas.fach@ufms.br

### RESUMO

A tecnologia normalmente é vista como impessoal e sem vida, e perde essa característica na obra cinematográfica *Her*. A obra nos direciona para linhas de raciocínios inusitadas. O presente ensaio usa como pretexto o filme *Her* para propor um olhar sobre as novas formas de se relacionar na contemporaneidade, formas que unem atores humanos e não humanos para a produção de um coletivo, no sentido latouriano, para além da sociedade. Este coletivo tem como produto social o ator/actante híbrido, na proposta de visualizar a união no mesmo contexto de humanos e tecnologias. Desse modo, proponho a utilização da obra cinematográfica do diretor Spike Jonze, como um campo audiovisual capaz de produzir no leitor uma imagem sobre a temática latouriana proposta: novo social, atores híbridos, mediação, coletivos, interação entre humano e não humano. Como fundamentação teórica, o ensaio transita por conceitos extraídos da Teoria Ator-Rede (TAR).

### PALAVRAS-CHAVE

Cinema; *Her*;  
Tecnologia;  
Teoria Ator-Rede;  
Sociologia das  
Associações.

### ABSTRACT

Technology is usually seen as impersonal and lifeless, and it loses these characteristics in the cinematographic work "*Her*". The film takes us to unusual lines of reasoning. This essay uses the film "*Her*" as a pretext to propose a look at new ways of relationships in contemporary times, ways that unite human and non-human actors for the production of a collective, in the Latourian sense, beyond society. This collective has as a social product the hybrid actor / actant, in the proposal to visualize the union in the same context of humans and technologies. Thus, I propose the use of the cinematographic work of director Spike Jonze, as an audiovisual

**KEYWORDS**  
Cinema; Her;  
Technology; Actor-  
Network Theory;  
Sociology of  
associations.

field capable of producing in the reader an image on the proposed Latourian theme: new social, hybrid actors, mediation, collectives, interaction between human and non-human. As a theoretical basis, the essay moves through concepts extracted from the Actor-Network Theory (TAR).

## INTRODUÇÃO

*Her* (Ela)<sup>1</sup> é um filme norte-americano, que mistura gêneros cinematográficos diversos que perpassam pela comédia romântica/drama e ficção científica. É uma obra de 2013, escrita, dirigida e produzida por Spike Jonze. A narrativa se centraliza em torno de um personagem humano, que desenvolve uma relação pessoal com sua assistente virtual de computador, esta por sua vez, dotada de personalidade, possui uma voz idêntica a humana. Theodore, interpretado por Joaquim Phoenix, traz ao público uma experiência melancólica, ocasionado pelo término de um relacionamento. Um homem solitário, que sofrerá alteração do seu destino quando descobrir a existência de um programa de inteligência artificial, extremamente próximo da voz e da personalidade de um sujeito humano. A inteligência artificial é Samantha, cuja voz é dublada por Scarlett Johansson.

O foco da narrativa é a trajetória percorrida por Theodore, que vive a melancolia da lembrança do passado, e a hesitação e excitação de experimentar algo novo. A obra é riquíssima em detalhes, que vão desde as imagens bem colocadas pelo diretor de arte, até uma trilha sonora que nos transmite a perturbação da personagem. Santaella e Cardoso (2015, 168) expressam a experiência incômoda transmitida pelo filme:

*ELA* é emblemático para a sociedade do século XXI, na medida em que traduz de modo perturbador e verossímil a sensação inquietante deslumbrante da invasão da tecnologia no abrigo mais íntimo da vida humana. A narrativa é expressão plural de dilemas bastante atuais da inteligência artificial e da relação homem-máquina.

Theodore encontra, por meio dessa nova relação virtual, uma maneira de consolo e escape da sua própria realidade, que se mostra no filme como a de um homem solitário, com dificuldades de criar laços com outros humanos. Vemos um sujeito transbordado de “crises existenciais”, tão presente na era digital e “moderna”, e a problemática da inserção das novas tecnologias virtuais, como mediação de afetos e meios de socialização. A trama evidencia uma realidade próxima, em que os objetos, tecnologias e outros aportes “não-humanos”, se apresentam não apenas na esfera da

1 Título original: *Her*. Tradução para língua portuguesa: Ela. Roteiro/direção: Spike Jonze. Fotografia: Hoyte Van Hoytem. Direção de arte: Austin Gorg.

eficácia e eficiência silenciadas, voltadas para o aprimoramento humano, mas também como esfera de inovação das relações sociais dos sujeitos.

Nas primeiras cenas do filme, somos levados ao interior do apartamento do personagem. As imagens remetem à identidade momentânea escolhida por Theodore: a de um sujeito que está desorganizado, desconectado e anônimo em meio à sociedade pulsante. Dessa forma, abre-se um espaço para a leitura de cena, a partir da premissa do nosso personagem afastado dos laços vistos como sociais e sujeitado ao medo das relações rápidas e superficiais. A interferência causada pela inserção de Samantha em sua rotina, lhe proporciona mais desconexão com outros humanos. Em contrapartida, vemos um novo tipo de conexão ser criada em seu cotidiano, uma nova forma de se relacionar é apresentada ao público. Isso pode gerar identificação em um primeiro momento. Embora ainda não tenhamos provado de um sistema operacional tão desenvolvido como “Samantha”, já vislumbramos a sua possibilidade ao degustar, por exemplo, a “Siri” – desenvolvida pela Apple – ou a “Alexa”, – desenvolvida pela Amazon – ambas são assistentes virtuais comandadas por voz, recursos que são capazes de interagir e fornecer informações, entres outras funções. Se tornaram atrizes do cotidiano, ao auxiliarem as pessoas a realizarem aos mais variados tipos de tarefas apenas “conversando” com o aparelho.

A obra *Her*, apresenta a contradição da vida de Theodore que trabalha escrevendo cartas para aproximar as pessoas. Um homem solitário que utiliza seu computador e a tecnologia, para escrever cartas direcionadas às pessoas desconhecidas – falando por estas – que também estão na busca desenfreada por se conectar. Abro um parêntese para que se ecoe um pouco a necessária reflexão que o filme proporciona sobre a inserção na esfera da capitalização dos afetos, da mercantilização dos sentimentos, da interação como produto.

Na medida em que o elenco e trama vão se apresentando, passa a ser mais clara a imagem de uma sociedade de consumidores necessitada de trocas de afetos, compradores de atenção, vendedores e expositores de si mesmos nas redes sociais. É possível fazer a leitura da personagem como resposta a uma sociedade do consumo, que promove o isolamento físico e gera conectividades através de outras formas de se relacionar, de manter vínculo e de criar laços. Dirá Fioruci (2019, 134):

Nesta sociedade em que o consumo torna-se substitutivo da dimensão afetiva e a subjetividade transforma-se em um individualismo egocêntrico, base da precarização dos laços sociais e do eclipsamento ou empobrecimento da experiência da alteridade, o ser humano recorre a promessas fáceis de satisfação. O protagonista de *Her* escolhe este caminho, de forma mais ou menos consciente. Fisgado pela oferta anunciada, adquire o sistema operacional OSI.

[...] Primeiramente, fica patente a necessidade de comunicação de Theodore que, por um momento, parece realmente estar no divã.

A trama de *Her*, ao apresentar a relação dos personagens “a moda romance”, tende a nos persuadir em defesa da desconexão do personagem com os laços humanos. Promove um sentimento difuso de identificação, ao mesmo tempo que permite a reflexão sobre uma possível superação de formas tradicionais de socialização, reavaliando as diferenças, prós e contras através do prisma da sociologia das associações.

### **HER E A TEORIA ATOR-REDE**

Para direcionar o olhar à esse novo social proposto na sociologia das associações, utilizo do conceito latouriano para entender a nova definição de social como um fluxo de associações e adoto como recorte teórico conceitos que abrangem a Teoria Ator-Rede (TAR), escolhendo como principal obra para representar tal recorte o livro: “Reagregando o social” de Bruno Latour. As ideias para a discussão serão de novo social, atores híbridos, mediação, coletivos, interação entre humano e não humano.

A partir da reflexão sobre a cinematografia de *Her* e a obra de Latour, assim como os demais teóricos da TAR, pude identificar, em um exemplo muito próximo ao nosso tempo tecnológico, um novo modo de ser social. Através de uma comunicação mais fluida, experiência proporcionada com excelência pelo cinema, pude deslocar conceitos latourianos para refletir sobre uma sociedade de associações dentro desse tempo contemporâneo.

A escolha pelo filme *Her* (Ela), se deu por compreender que a obra do diretor Spike Jonze ilustra de maneira dramática uma ideia antropológica aplicada por autores da Teoria Ator-Rede. Assim o cinema, como uma vertente da arte, desloca o olhar do mundo para suas nuances, cria valor e acrescenta na nossa forma de ser cultura. Acredito que a utilização da obra como corpus de análise facilitará a visualização de um exemplo de mediação técnica, sugerida pela Teoria Ator-Rede (TAR). A TAR se concretiza na tentativa de proporcionar reflexão sobre mediação técnica com a nomeada sociologia das associações. “Nesta, o conceito de mediação técnica exige que o *social* seja visto como o produto de uma associação entre atores humanos e não humanos, funcionalmente simétricos na teoria do ator-rede (TAR)” (Santaella e Cardoso, 2015, 168).

A reflexão proposta neste ensaio, busca elucidar o mecanismo de construção das interações de atores híbridos (humanos e não humanos, Theodore

e Samantha), que se formam através da mediação técnica, assim como apresentar o conceito da Teoria Ator-Rede de substituição do termo sociedade por coletivo, com uma grande colaboração do campo do sociotécnico apresentado aqui por Rifiotis (2016). Embora a quantidade de conceitos utilizadas no curto texto seja ampla, eles estão interligados e relacionados afim de clarear a ideia de um “novo social”.

O uso dos elementos não humanos, representados no filme como, por exemplo, pelo aparelho celular, pelo computador e pelo jogo que simula uma existência paralela, se tornam ferramentas de interação, na qual o personagem desenvolve novos vínculos sociais. Podemos ver nessa relação a ampliação da forma que a sociologia tradicional destinava à esfera do social, isto é, aquela voltada apenas aos humanos.

Na visão de Latour, o social não é mais habitado exclusivamente por humanos. Com a instalação e imersão das tecnologias, nossas formas de comunicação vêm sofrendo cotidianamente processos de transformação e adaptação, formando assim uma rede sociotécnica de mediação da comunicação, instaurando uma cibercultura à nossa rotina. Segundo Santaella e Cardoso (2015, 177):

Do ponto de vista do ator-rede, não é possível atribuir uma causa a um efeito, pois os efeitos são sempre multicausados ou, mais precisamente, são produtos de uma interação. Intenção, desse modo, deixa de ser predicado de *atores*. Se há finalidade ou intencionalidade em qualquer agenciamento sociotécnico, ela só pode existir para e no coletivo. É um poder disponível apenas para uma associação, nunca para um sujeito. Este é o fundamento da ideia de *mediação*, relacionada a um compartilhamento de responsabilidades da ação entre vários actantes, respeitando a ação de todos os envolvidos na técnica em questão.

Dessa maneira, Rifiotis (2016) defende que “a rede sociotécnica não deve ser confundida com a rede da internet: ela não é mero contexto no qual ocorrem ações humanas. Descrever uma rede sociotécnica implica descrever os fluxos, agenciamentos internos” (Rifiotis 2016, 91). O conceito de mediação técnica, entendido como “um par dialógico simétrico e uma gênese de propriedades novas, dada pela conjunção homem-máquina” (Santaella e Cardoso 2015, 170), se relaciona com a rede sociotécnica no sentido de uma afetação mútua entre homem e tecnologia.

Ao aproximar os objetos do ser humano, equiparando ambos como atores da vida, não se confrontam apenas os limites da expansão da tecnologia, mas traz à tona também, a reflexão de como o ser humano vem transformando seu próprio comportamento, ampliando a sua forma de

comunicação, interação e relações, no qual a consequência pode ser uma greta nas fronteiras, margens e limites entre elementos humanos e não humanos.

## A TEORIA ATOR-REDE

A sociologia do social, um conceito latouriano, é vista como tradicional e surge com o importante papel de construção e afirmação das ciências humanas: ao estabelecer o conceito de social em um domínio único e intenciona distinguir esse mesmo domínio da realidade de outras esferas; fato relevante em determinado momento histórico, pois auxiliaram na afirmação e autorização do argumento adotado na área, mostrando a importância do seu campo de estudo. Porém, devido a velocidade e pluralidade das mudanças, a noção de uma forma social fixa e de uma sociedade moldada apenas por atores humanos, como por exemplo na ideia proposta pela sociologia do social apontada acima, precisava ser revisitada e repensada através de interações breves e/ou novas associações, ou seja, uma nova forma de ser social, uma substituição da sociedade por coletivos, através da rede de associações, com atores/actantes humanos e não humanos. Dessa forma, a sociologia das associações surge na contramão da representação do social como um domínio único e propõe o conceito do social como sendo “[...] o nome e um tipo de associação momentânea caracterizada pelo modo como se aglutina assumindo novas formas” (Latour 2012, 100).

[...] muitas vezes, nas ciências sociais, “social” designa um tipo de vínculo: é o nome de um domínio específico, um material como palha, barro, corda, madeira ou aço. [...] Para a ANT, como agora já sabemos, a definição do termo é outra: não designa um domínio da realidade ou um item especial; é antes o nome de um movimento, um deslocamento, uma transformação, uma translação, um registro. É uma associação entre entidades de modo algum reconhecíveis como sociais no sentido corriqueiro, *exceto* durante o curto instante em que se confundem (Latour 2012, 99).

Na obra *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*, Bruno Latour apresenta duas abordagens: a “sociologia do social”, como comentada anteriormente, isto é, aquela vista como mais tradicional e parte do senso comum e a segunda: a “sociologia de associações”, Teoria Ator-Rede (TAR)<sup>2</sup>, ou o anagrama das palavras em inglês: ANT (Actor-Network Theory), cujo objetivo está em analisar a atividade científica e fazer a consideração

2 Anagrama das palavras em português: TAR (Teoria Ator-Rede)

tanto aos atores humanos como aos não humanos. A proposta da ANT, foi a de desfazer uma ideia de social como um domínio da realidade, um domínio único ou especial.

Através da Teoria Ator-Rede é possível clarear a relação dos objetos no cotidiano, dentro da esfera que entendemos como social, e também, como podemos notar com mais facilidade, o argumento do qual por muito tempo a sociologia se ausentou, isto é, da discussão sobre a cisão entre aquilo que é humano e aquilo que é não humano, aquilo que é objeto, artefato e/ou animal, isto é, colocando a perspectiva do humanismo como uma questão fragmentada da relação com o mundo, das questões desse mundo coletivo. Latour (2012) em sua obra, propõe uma alternativa para a sociologia, no sentido de *reagregar o social*, passando da ideia de sociedade para de coletivos, e esse coletivo é pensado, por ele, como o que pode ser constituído por diferentes atores (humanos e não humanos). Segundo Latour (2012, 112):

Assim, doravante, a palavra “coletivo” substituirá “sociedade”. Sociedade será apenas o conjunto de entidades já reunidas que, segundo os sociólogos do social, foram feitas de material social. Coletivo, por outro lado, designará o projeto de juntar novas entidades ainda não reunidas e que, por esse motivo, obviamente não são feitas de material social.

Para a Teoria Ator-Rede, são diversos os tipos de atores, e se qualificam como tais aqueles que fazem diferença no curso da ação de outro agente ou ambiente, ou melhor: “[...] partícipes no curso da ação que aguarda figuração” (Latour 2012, 108), “[...] se insistirmos na decisão de partir de controvérsias sobre atores e ator, qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença é um ator – ou, caso ainda não tenha figuração, um actante (Latour 2012, 108).

Latour (2012) comenta sobre os atores não-humanos a partir do ponto de vista da Teoria Ator-Rede: “Além de “determinar” e servir de “pano de fundo” para a ação humana, as coisas precisam autorizar, permitir, conceder, estimular, ensejar, sugerir, influenciar, interromper, possibilitar, proibir etc.” (Latour 2012, 109). A TAR não afirma, indiscriminadamente, que os objetos realizam ações no lugar dos atores humanos.

Partindo da premissa que os objetos também agem, não implicando em pensá-los como movimentos intencionais, mas como dotados de uma certa subjetividade, a ideia é a proposta de uma reflexão sobre o social como um coletivo de associações e de redes entre humanos e não humanos. Aqui, os atores não seriam distribuídos na cena como sujeitos e objetos, mas sim partindo do mesmo ponto de afetação mútua. Santaella e Cardoso (2015, 173), comentando a obra de Latour apontam que:

Paradigmáticas, para ilustrar a nova sociabilidade que aí emerge, são as possibilidades de agenciamento típicas da cultura digital, em que diversos sensores permitem aos dispositivos uma capacidade não só de alertar, mas também de validar ou invalidar, autorizar ou desautorizar a ação humana, ou melhor, a ação mediada por dispositivos de acordo com *inputs* dados pela interação com o homem.

Na ideia de coletivos, proposta pela TAR, os laços sociais que a tecnologia proporciona, isto é, que o elemento não humano como actante dentro do social proporciona, continuam a existir mesmo depois de sua criação e configuração, ou melhor, continuam criando novas formas de interações, não diferentemente de outros objetos, animais e demais atores não humanos, porém as novas tecnologias não se silenciam, como um exemplo utilizado por Latour: "Uma vez construído, o muro de tijolos não pronuncia uma palavra – ainda que os pedreiros continuem tagarelando e os grafites proliferem em sua superfície" (Latour 2012, 118). A tecnologia como ator do social, mesmo após sua configuração, não possui a característica do silêncio, ela se faz presente em cada interação do cotidiano, autorizando e desautorizando práticas, e pela própria natureza dos laços não silenciados que criam com os humanos, deixam de ser intermediários para se tornarem mediadores de afetação mútua, dessa maneira a leitura do social rende-se a ideia de coletivos com atores híbridos. Latour (2012, 120), comenta sobre a ação dos objetos:

[...] os objetos vivem uma vida claramente múltipla e complexa por intermédio de reuniões, projetos, esboços, regulamentos e provas. Surgem totalmente fundidos com outras ações sociais mais tradicionais. Só quando se instalam é que desaparecem de vista. Por isso o estudo de inovações e controvérsias constitui um dos primeiros locais privilegiados onde objetos podem ser mantidos por mais tempo como mediadores visíveis, disseminados e reconhecidos antes de ser tornarem intermediários invisíveis, não sociais (Latour 2012, 120).

## HER UMA ILUSTRAÇÃO DA TAR

Temos o humano projetando na máquina uma dimensão humana e temos o elemento não humano sendo agente de ação e interferindo na rotina, escolhas e até emoções do protagonista. Samantha não traz apenas aconchego para Theodore, ela faz com que ele confronte a si próprio, estando ambos, em um processo mútuo de afetação e sensibilizações. Dessa maneira, as interações do nosso protagonista, não são mais apenas tomadas por agentes humanos, visto que, dentro das suas novas relações construídas, seria impossível pensar em apenas um tipo de actante, se tornando necessária

a inclusão dos atores não humanos, como afirma Rifiotis (2016): “o tecido das nossas práticas, focado exclusivamente nos humanos, não parece mais inteiriço, pois ele está mesclado de outros elementos que desempenham atividades diversas no curso da ação” (Rifiotis 2016, 90).

Theodore tem uma realidade muito similar a tantos sujeitos da nossa sociedade contemporânea e apesar do apelo romântico que existe na obra, ao notar a ausência de uma outra pessoa “física” em diversos momentos de compartilhamento, não é possível deixar o estranhamento de lado, afinal, ouvimos a voz de ambos, mas Theodore permanece “sozinho” fisicamente. Essa imagem, abre espaço para questionamentos sobre a proposta da Teoria Ator-Rede e o pluralismo dos atores do social, porém, segundo a TAR, para sermos um pouco mais realistas em relação as interações sociais, teremos que aceitar que a “continuidade de um curso de ação raramente consiste de conexões entre humanos (para as quais, de resto, as habilidades sociais básicas seriam suficientes) ou entre objetos, mas com muito maior probabilidade, ziguezagueia entre umas e outras” (Latour 2012, 113).

A “existência” de Samantha, intermediada por um objeto (aparelho celular, sistema operacional e/ou aplicativo) como sendo também uma atriz do cotidiano, em um lugar equiparado ao nosso protagonista humano, traz a reflexão sobre os traços identificados com uma nova maneira de ler o social, não apenas sendo limitado as relações humanas, mas expandindo a *caixa de pandora* para as demais formas de ser esse mesmo social, através de um olhar para as práticas proporcionadas pela mediação técnica e/ou pela rede sociotécnica.

A inclusão de objetos como atores influenciadores das decisões sociais assim como os humanos, faz parte de uma abordagem que serve tanto para a discussão sobre o envolvimento e desenvolvimento das tecnologias, como para refletir as limitações daquilo que nos define como humanos. Os elementos não humanos vistos como atores mediadores e não intermediadores, dão maior clareza para que possamos enxergar os atuais movimentos do coletivo como um processo fluído e presente no tempo contemporâneo. Fioruci (2019, 128), comenta sobre a conexão do contexto do cinema contemporâneo com a obra do diretor norte-americano:

[...] a cinematografia contemporânea, com a qual se alinha a de Jonze, investe na exploração da identidade de seus protagonistas, suas crises e suas angústias, mormente no tocante à instabilidade dessas identidades, manifestas em sua observável fragmentação e ambivalência (Fioruci 2019, 128).

Muito embora a narrativa da obra se passe possivelmente no futuro, trata-se de um tempo muito próximo ao do espectador do presente, trazendo

um viés de identificação com o protagonista e suas experiências. Theodore não vive apenas entre os humanos, seu social, seu “drama social”<sup>3</sup>, suas questões estão envolvidas com elementos não-humanos. O “novo social” contemporâneo não cabe mais dentro da caixinha imposta por uma sociologia tradicional.

### **AFETOS COMO MERCADORIA**

O processo de produção do estranho, dos estranhamentos, da solidão, das identidades fragmentadas, das polaridades, é um processo que determina lugares e criam sujeitos desajustados. Fazem parte de um sistema que manipula certas relações, promove incertezas e inaptos sociais “uma hora por vez”. Theodore, se encontrava solitário, sem laços duradouros, desprovido do sentimento de pertencimento social, um personagem que foi alvo previsível da capitalização de afetos. Consumidor passivo, ele se rende a Samantha, se apaixona por Her (Ela), assim como se desilude dentro desse cenário do coletivo – das tecnologias e humanos como agentes de afetação mútua.

A teoria ator-rede, prevê as conexões mais rápidas e mais eficientes, o que seria mais rápido e eficiente do que se relacionar amorosamente com o seu aparelho celular? A chance de mágoas, decepções e de não ter assertividade seriam poucas. Uma comunicação menos “truncada” que envolveria poucos atores e poucos processos, isto é, saindo da esfera apenas humana, cheia de processos e podendo não ser eficiente ao final. “Final, na terminologia da teoria ator-rede, a noção de “ator” não é redutível ao sentido tradicional de “ator social”, uma vez que ela deve nomear tudo que age, aquilo/quem que faz diferença, deixa rastros, podendo ser pessoas, instituições, animais, objetos etc.” (Rifiotis 2016, 90).

Para elucidar a reflexão sobre os afetos como mercadoria, desloco o conceito de Taussig (2010): “A aparência animada das mercadorias evidencia a aparência coisificada das pessoas, e ambas se dissolvem quando a inspiração mercantil das definições de homem e sociedade é ressaltada” (Taussig 2010, 30, a partir da premissa do autor, pensar nas relações como mercadoria, se tornou o novo instrumento de poder: chats de relacionamento, aplicativos de comunicação e interação, aparelhos celulares com melhores imagens de câmera; tudo para que os sujeitos possam “postar” o melhor recorte da sua própria vida.

Mesmo que a tecnologia passe a ser considerada no mundo social, através do recorte sociologia das associações, como um actante de afetação

3 Conceito retirado da obra de Victor Turner: Dramas, campos e metáforas.

mútua ao lado do agente humano, ela não deixa de lado o seu viés como mercadoria de consumo, isto é, apenas desenvolve-se e ganha mais uma corporatura dentro da sua configuração, evidenciando dessa maneira, como um sistema do capital, que visa o consumo e consecutivamente interações via capitalização de afetos, está nos transformando em sujeitos isolados, fragmentados e polarizados em nossas relações.

Na cultura capitalista, a cegueira em relação à base social de categorias essenciais torna bastante confusa a leitura social de coisas supostamente naturais. Isso se deve ao caráter peculiar das abstrações associadas à organização mercadológica dos assuntos humanos: qualidades essenciais dos seres humanos e sua produção são convertidas em mercadorias, em coisa para serem compradas e vendidas [...] (Taussig 2010, 24).

Assim há uma transposição de ideias e a era dos likes, das visualizações, do performar fazendo algo, ganha aspecto de essencialidade ao mesmo tempo de produção. Obter ou não visualizações se tornou capital e como tal objeto de disputa, poder e frustrações. A proposta de um coletivo que supera a ideia de sociedade, não exatamente visa a satisfação e manutenção dos laços, mas ao contrário, quanto mais presente e elástica forem as interações entre actantes híbridos, mais os sujeitos se tornarão dependentes do mercado.

O eu costumava ser apresentado e mantido conjuntamente pelas habilidades individuais e com o uso dos recursos inatos tende agora a ser mediado por ferramentas tecnologicamente produzidas e que podem ser compradas no mercado. Na ausência de tais ferramentas, as parcerias e os grupos se desintegram (caso tenham tido a oportunidade de emergir antes) (Bauman 1998, 35).

O filme *Her* retrata bem esse cenário, pois apresenta a proposta de uma personagem virtual, fruto de um sistema operacional pago, como uma personagem real, o drama propõe a mescla entre diferentes tipos de “sociedades”, humanas e não humanas, adotando o conceito latouriano de coletivos, extrapolando o conceito de domínio único de social imposto pela sociologia do social. Essa personagem é contratada a priori para organizar a vida do nosso protagonista. Samantha deveria se limitar as suas funções padrões, porém foi projetada dentro de um sistema do capital, que manipula as relações e alienar os afetos. Theodore se isola de outros seres humanos, se conecta e se permite a essa única relação, se emociona e compra a ideia vendida de um sistema operacional personalizado. Ele já não se sente solitário. Ele já não consegue criar laços de pertencimento fora da “presença” de Samantha. O afeto lhe foi vendido, agora mais um objeto é parte integral e importante do seu social. A partir de um bem

material, podemos presenciar a construção de um sentimento, uma abstração mais do real, produzindo identificações através de belíssimas cenas, músicas e interpretações.

O “novo” modo de leitura do mundo social, com a inserção das tecnologias como agente não humano, agora permeado pelo dominante espírito do consumismo não tem como proposta gerar laços duradouros, como podemos presenciar ao final da obra *Her*. Theodore descobre que Samantha é compartilhada com outros “n” consumidores, que aquela relação não tem caráter de exclusividade e muito menos de durabilidade. Bauman (1998), discorrendo sobre os laços líquidos da pós-modernidade acrescenta a reflexão quando afirma que: em um mundo onde os laços são dissimulados em encontros sucessivos, recorrentes e frágeis, a história da vida acabando se tornando uma série de episódios cuja única consequência duradoura é sua igualmente efêmera memória.

Nota-se que os agentes não humanos e nesse exemplo as novas tecnologias, a inserção massiva dos aparelhos celulares e aplicativos no cotidiano, cumprem a dupla função de actante e mercadoria, isto é, como actantes são capazes de direcionar decisões e moldar rotinas de vida juntamente com os humanos, formando um grande coletivo de produção de interações. Agora enquanto cumprem o papel de mercadoria, servem como um *fetich* do capital para manipular afetos, para nos “dar” afetos através da compra destes.

## CONCLUSÃO

*Her*, o filme do diretor e roteirista Jonze, faz parte de um universo cinematográfico contemporâneo. Retrata a nova forma de viver e conviver com as tecnologias no cotidiano, assim como a série britânica antológica *Black Mirror*, que é “centrada em temas obscuros e satíricos que examinam a sociedade moderna, particularmente a respeito das consequências imprevisíveis das novas tecnologias”<sup>4</sup>, funcionam como sugestão para a reflexão sobre um tipo de realidade mais que presente na atualidade.

Vivemos a base de objetos e na contemporaneidade somos reféns deles, se tornando importante a reflexão sobre essa relação, isto é, do real papel que os objetos têm em nossas vidas, pois como acredita Rifiotis (2016): “Os elementos do mundo já não cabem nas categorias do “social” previamente estabelecido, mas estão num quadro de permanente inovação” (Rifiotis 2016, 94).

<sup>4</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Black\\_Mirror](https://pt.wikipedia.org/wiki/Black_Mirror). Acesso em 02 abr. 2021.

A teoria do ator-rede, é uma ferramenta importante para nos auxiliar no raciocínio sobre como esses objetos podem ser “relidos”. Ela apresenta uma nova visão sobre a integração dos elementos não humanos às nossas práticas, pois nesse determinado tempo histórico, os objetos também moldam os nossos campos de ação e não mais podem ser vistos como inertes, sendo apenas significados sociais, bens, mercadorias ou artefatos silenciados. Eles se tornaram dotados de um papel essencial na configuração de uma estrutura de ação, que nos permite agir de determinada forma ou de outras, isso significa entender que muitas vezes sem eles nossas ações seriam as outras diversas. “O projeto da ANT cifra-se em ampliar a lista e modificar as formas e figuras dos participantes reunidos, esboçando uma maneira de fazê-los agir como um todo durável” (Latour 2012, 109), “Sabe-se que a teoria do ator-rede representa uma tentativa de superar a ideia de mente cartesiana e seus decorrentes dualismos” (Santaella e Cardoso 2015, 168). Através da TAR, abre-se a possibilidade de repensar o mundo social como uma rede de interações e a sociedade como um coletivo com actantes híbridos, isto é, com atores humanos e não humanos que se afetam mutuamente.

Os atores não humanos, naturalmente, não são alvo do pensamento social. Espontaneamente são alocados à margem do social, deixando elucidar a ideia de que não existem meios para inseri-los no tecido do social, inviabilizando a possibilidade de evidenciar outros múltiplos laços sociais. Através da sociologia das associações, o olhar para o social como um coletivo, como uma rede sociotécnica interacional com múltiplos atores, passa a incluir como performances da vida cotidiana os actantes híbridos através de uma mediação técnica de afetação mútua dos atores, isto é, os agentes humanos e não humanos se afetando mutuamente. Ou melhor exemplificando, Samantha e Theodore como agentes de existência e afetação mútua.

O fato investigado pela TAR é que quanto mais eficiente se torna um objeto, mais ele se silencia (ou é silenciado?) e cria o espaço como intermediador. Utilizando a obra *Her* como corpus de análise, para assim, proporcionar uma facilitação da reflexão sobre atores híbridos do social, é que constatamos que se torna improvável o silenciamento dos objetos quando pensados no formato das novas tecnologias. Samantha, representante do actante não humano, tornou-se na narrativa tão importante e necessária para interações quanto nosso personagem humano, pois quão mais eficiente, eficaz e presente ela se tornava na vida do protagonista, mais falas e vida ela ganhava, mais do papel mediadora a ela era autorizado, assim ela se tornara *Her*, e não mais uma rede tecnológica que fala quando o seu dominador humano permite.

As relações afetivas entre humanos são abstratas, peculiares e frágeis. De forma direta não geram capital. A mercantilização do “romance” pelos

aplicativos retorna o poder para a “mão” do sistema, que agora pode coordenar sentimentos como a própria solidão, sentimento esse, que em muitos casos, é também produzido pela ansiedade em que as nossas maneiras de se comunicar e relacionar foram produzidas, isto é, como massas de manobras do mercado vendedor de afagos.

Uma sociedade define principalmente modos de sofrimento diante das normas que ela mesma enuncia – gerindo tais modos em um quadro tacitamente aceito de patologias, com suas estratégias de encaminhamento clínico, com suas montagens de sintomas e complexos. Pois uma sociedade é, acima de tudo, uma forma de produção de patologias, ou seja, de tradução do sofrimento na gramática ordenada de patologias (Safatle 2015, 131).

A partir da TAR, se torna possível pensar nas novas tecnologias como parte formadora desse *novo mundo social*, facilitando o entendimento do social como o resultado de interações e não mais como um sistema fixo. Acoplando a ideia de coletivo, as novas tecnologias, os objetos, os atores não humanos de forma geral e destinando a estes também, o papel de transformação das relações juntamente com os atores humanos.

A mudança de recorte sobre *o que e quem* faz parte do social, se apresenta quando é assumido que houveram mudanças nos “atores sociais”, isto é, que os objetos não são inertes, que também são atores. O lema “siga os atores” aplicado pela sociologia do social, se pluraliza com a sociologia das associações proposta pela TAR, agora o principal lema é seguir os múltiplos atores, que estão em constante interação e mudança. Para a Teoria Ator-Rede, nada e nem ninguém está isolado, os atores serão sempre um coletivo que participam de uma série de combinações envolvendo diversos processos interacionais, além da escala limitativa de elenco de atores apenas humanos. Dessa maneira, o filme *Her* através da óptica da Teoria Ator-Rede, deixa menos nebulosa a imagem sobre quem são os atores que fazem parte dessa rede de interações.

[...] a própria rede deixa de ser exclusivamente algo que é “usado” por humanos, ou um mero contexto para a ação humana, afinal, no curso de cada ação, a rede pode tanto ser o contexto no interior do qual certas relações se produzem, quanto um mediador que transforma relações e possibilita a emergência de sujeitos (Rifiotis 2016, 94).

O exemplo que é sugerido em *Her* fica a cargo da reflexão sobre o aparelho celular e aplicativos, tão responsáveis pela transmissão de informação quanto o humano que compartilha a informação com este, formando uma rede conectiva que os transporta a outra dimensão, a dimensão do afeto, antes dominada exclusivamente por seres ditos como vivos. Pensar

no objeto aparelho celular como um ator, e no caso do filme de Jonze, a voz da atriz Scarlet que representa a personagem Samantha, é dar vida a essa nova forma de pensar o social, no qual humanos e não humanos são agentes de afetação mútua, são atores da ação cotidiana e se tornam, ambos, responsáveis pelo processo de se relacionar.

Os objetos pensados como *coisas que precisam autorizar, permitir, conceder, estimular, ensinar, sugerir, influenciar, interromper, possibilitar, proibir*, assim como descreve Latour (2012) ou dispositivos tendo *uma capacidade não só de alertar, mas também de validar ou invalidar, autorizar ou desautorizar a ação humana*, como relatado por Santaella e Cardoso (2015), são também dotados de grande poder de persuasão pelos meios do sistema do capital que se faz presente e dominante nas relações, proporcionado de antemão a alienada sensação de liberdade e autonomia ao consumidor, ao ator humano. A divisão aparentemente razoável entre máquina/tecnologia e humano, se mostra improvável e transforma-se naquilo que neblina a reflexão sobre as possibilidades das ações serem coletivas e interacionais, processo este que realmente já está transpassando nossos cotidianos.

## REFERÊNCIAS

- Bauman, Zygmunt. 1998. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Fioruci, Wellington R. 2019. O ser, a máquina e a solidão - Her, de Spike Jonze. *Revista Zi*, vol. 1, nº Especial.
- Latour, Bruno. 2012. *Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Bauru/Salvador: Edusc/EdUFBA,
- Rifiotis, Theophilos. 2016. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 31, n. 90: 85-98.
- Safatle, Vladimir. 2015. *Circuito dos Afetos: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify.
- Santaella, Lucia; Tarcísio Cardoso. 2015. O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour. In: *Matrizes*, v. 9, nº 1.
- Taussig, Michael. 2010. *O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul*. Tradução: Priscila Santos da Costa. 1º Ed. São Paulo: Editora Unesp.



**ANA CAROLINA BRINDAROLLI** é mestranda em Antropologia Social na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS, 2021). Cursou graduação em Educação Física também na UFMS. Atualmente, integra o grupo de pesquisa ANSUB – Antropologia e subjetividade, na UFMS. E-mail: [anabrinkarolli@gmail.com](mailto:anabrinkarolli@gmail.com)

**Licença de uso.** Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido: 16/02/2021  
Reapresentado: 11/04/2021  
Aprovado: 20/04/2021